

APROFUNDAMENTO DA FICHA 9

9. Imitar Deus: vem-nos o desejo de ser como Ele

«A experiência do perdão, da misericórdia, que muda as conotações da nossa vida, faz-nos vir a vontade de fazer o bem» (Esquema n. 9). O testemunho de Carlo Castagna, contado na *Tracce* há alguns anos, ajuda-nos a entender que o perdão não é o resultado de um esforço heróico, mas nasce no seio de uma história de bem recebido.

Assim descobri a força do perdão*

A mulher, Paola. A filha, Raffaella. E o netinho, Youssef. CARLO CASTAGNA perdeu-os numa noite de 2006, vítimas da loucura duns vizinhos do prédio. Perguntámos-lhe o que mudou desde então. Respondeu-nos falando de fé, trabalho, oração. E de uma alegria intensa, mais forte do que o desespero. «Porque onde abunda a dor superabunda a graça. E eu vi isso...»

Foi a 11 de dezembro de 2006 que - num apartamento de um edifício remodelado no centro de Erba - Paola, Raffaella e Youssef, de dois anos, foram assassinados à facada pelos vizinhos, o casal Olindo Romano e Rosa Bazzi. Os corpos foram queimados. Na fuga, os dois cruzam-se nas escadas com um casal de vizinhos: Valeria Cherubini é ferida de morte por um golpe na garganta, enquanto o marido, Mario Frigerio, se salva porque o julgam morto. Será precisamente ele, ao acordar do coma, a revelar o nome dos assassinos. Os três anos seguintes de processo demonstram que o ataque, premeditado, teve motivos banais. Invejas. Rancores. Talvez uma veia psicótica. A condenação, para os Romano, será a prisão perpétua. No entanto naquela noite – diante da vertigem daquele massacre - Carlo Castagna escolhe a via do perdão. Que à distância de quatro anos não esmoreceu. Pelo contrário.

Não conhece ainda os nomes dos assassinos, tem em cima de si os refletores das televisões, a imprensa, os investigadores e diz: «Perdoo». Porquê?

Não decidi perdoar. Sou um pobre coitado, que perdão poderia eu conceder? O Carlo Castagna, tal como é, naquele dia teria pegado numa espingarda para resolver as coisas. Em vez disso, houve uma graça, e não aconteceu assim. Ajudou-me a mãe Lidia, a mãe da Paola. Assim que se deu o ocorrido, corri para sua casa. Já sabia de tudo, os sobrinhos informaram-na. Por isso abraça-me e diz-me: «Carlo, Carlo... Temos de pedir ao Senhor a coragem de nos estendermos também nós na sua Cruz». Pronto, o perdão nasce dali. Podia alimentar o ódio toda a minha vida, procurar vingança. Mas também eu sou miserável, também eu erro. Mas, como diz a mãe Lidia, como é que poderia ainda rezar o *Padre nostro* sem ter perdoado aos assassinos?

O seu perdão é um perdão que logo causa escândalo. Não é entendido, muitos o catalogam como uma reação sentimental do momento. O que é que diz, a quatro anos de distância?

Mas que reação do momento! Eu já o disse, o Carlo Castagna teria reagido de outra maneira. E ainda assim... O perdão permanece, todos os dias, nas pequenas coisas. Nós somos uma família simples, cristã, com o sentido do bem e do mal. Depois, claro, a minha fé amadureceu no casamento com a Paola: rezar diariamente as *Lodi*, a missa, o sacramento da Confissão. São tudo coisas que não faltavam e não faltam na nossa vida. Cresci à sombra do campanário: a minha avó Eufemia sabia de cor todas as orações em latim. Talvez não soubesse tudo o que estava a dizer, mas tinha uma fé grande e sólida. E depois os sacerdotes e as irmãs sempre me acompanharam. Estou a pensar no padre Giovanni, que é uma pessoa fantástica, e noutros amigos com quem falo diariamente. Vamos muitas vezes comer juntos e, à mesa, surgem conversas profundas e muito bonitas. Também recomecei a ir à missa todas as manhãs, dois dias depois do ataque. Disse aos meus dois filhos: a partir de amanhã apresento-me no trabalho às nove. Primeiro vou à missa. E é o que faço ainda agora. Mas o verdadeiro sustento da minha vida foi a Paola, a Paoletta... »

* Carlo Castagna «Assim descobri a força do perdão», entrevista de M.A. Simi, *Tracce*, n. 7/2010, pp. 52-55.

» Falava de uma fé amadurecida no casamento...

Em todos estes anos juntos, passámos por muitas coisas. Mas ela, mesmo que estivesse perturbada, nunca cedia. Quando a Raffaella decidiu juntar-se com o Azouz, este rapaz tunisino que apareceu não se sabe bem de onde, foi uma dor para nós. Sabíamos que não era o mais indicado, e uma pessoa para a filha deseja sempre o melhor, não é? Mas a Paola recordava-me sempre do papel da Providência. «Carlo, a Providência resolverá tudo, não te preocupes», dizia-me. Eu a ferver um pouco, porque, sabe, como pai... Mas as mulheres guardam tudo lá dentro, no coração, sofrem muito mais. Uma vez, enquanto rezávamos as *Lodi*, a Paola desatou a chorar. A Raffaella tinha acabado de lhe dizer que ia casar com o Azouz. Tentámos chamar a nossa filha à razão, sem sucesso. Assim, depois de termos estado em casa dela, que estava inamovível, fomos ajoelhar-nos na Igreja para a adoração da noite. A Paola era assim. Depois os jornais disseram tudo e mais alguma coisa: que eu e a minha mulher nos tínhamos afastado da Raffaella por causa da sua escolha e tantas outras maldades. Nada disso é verdade. Rezávamos todos os dias por eles e confiávamo-los a Nossa Senhora.

Um mês depois do ataque, surgem os nomes dos responsáveis. Trata-se dos vizinhos. A 26 de novembro de 2008, o Tribunal de Como condena-os a prisão perpétua. Sentença confirmada a 20 de abril de 2010 pelo Tribunal de Apelação de Milão. As imagens dos dois cônjuges que se riem na gaiola dos réus circulam por toda a Itália. O que é que pensava, ao olhar para eles?

Foi difícil olhá-los no rosto. Como pai, marido e avô das vítimas, tive que ver as fotografias do que encontraram, ouvir a reconstrução feita pela polícia de Parma. Mas todos os dias eu e a mãe Lidia rezamos pela conversão dos seus corações. Depois, claro está, existe a justiça. Eles devem pagar por aquilo que fizeram. Porém, não nos podemos esquecer que existe a justiça humana – pela qual é justa a condenação a prisão perpétua -, mas existe também uma justiça divina. E nós rezamos pelo seu arrependimento, pela mudança dos seus corações. Estou convencido de que onde abunda a dor, superabunda a graça. Vi isso na minha vida. E é assim que posso dizer – não fiquem a achar que eu sou maluco – que a dor se transforma em alegria. Não desespere, mas alegria.

Recentemente, o Papa teve uma intervenção muito dura a respeito do escândalo da pedofilia na Igreja. Um outro grande exemplo de perdão dado e recebido...

O nosso Papa... Acho que são ambos crimes horrendos. Quero dizer, aquilo que a Rosy e o Olindo fizeram e também o que fizeram alguns padres. Mas o Papa foi um verdadeiro pai, perdoou e abraçou todos, as vítimas, mas também os pecadores. Porque ali, como com o Olindo e a Rosa, foi a ação do diabo e então é preciso reafirmar com força o bem. Todos os dias.

O Pietro e o Beppe, os seus filhos, o que dizem desta posição?

Vejam as coisas assim: têm menos trinta anos do que eu. Não perdoaram. Mas asseguraram-me que não sentem ódio nem desejam vingança. Mas é difícil para eles. Para mim e para a mãe Lidia é diferente, já tocámos muitas vezes na morte ao longo da vida. Eu perdi a minha mãe aos cinco meses, sob o fogo amigo dos ingleses. Mas o meu pai arregaçou as mangas, voltou a casar-se, levou por diante esta tarefa tão bonita e eu cresci bonito e sólido, não está a ver? (*ri*).

O senhor demonstrou que o perdão, para si e para os outros, é sempre possível. E que mesmo depois de ter vivido uma dor tão grande, é possível continuar a viver “com alegria”, como dizia antes...

Muitos ficaram surpreendidos, ao longo destes anos. Diziam: «Mas aquele ali devia desejar vingar-se, e em vez disso perdoa...». Mas eu não estou de todo sozinho. Tenho os meus filhos, os meus netos, tenho um ótimo trabalho e muitos amigos. Ontem estive na ordenação sacerdotal de um deles, uma vocação adulta. Estou rodeado de pessoas maravilhosas. E a verdade é que para mim, a Paola, a Raffaella e o Youssef estão presentes como dantes. Já não de uma forma física, claro, mas naquela comunhão dos Santos de que tantas vezes eu tinha ouvido falar. A dor existe, muitas vezes os meus olhos humedecem-se. Mas não quis guardar, sei lá, os sapatinhos do miúdo ou os objetos da Raffaella. Não preciso para nada de um par de sapatos sobre os quais chorar, entende? Mesmo quando o Azouz pediu para serem sepultados na Tunísia, não me apeteceu levantar obstáculos. Não serve de nada brigar, e eu estou certo de que eles ainda assim estão na casa do Pai Bom, no Paraíso. Caminhamos juntos para a meta. Mas entretanto eu estou aqui e não fico a girar os polegares. Sabe qual era o Salmo preferido da Paola? O número 83. «Feliz o homem cujo socorro está em vós, e só pensa em vossa santa peregrinação...».